

Gastos com a casa e a educação dispararam

Luís Reis Ribeiro

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

► Na última década (2006 a 2016), as famílias portuguesas cortaram em restaurantes, hotéis, cultura e lazer para conseguir aguentar a subida vertiginosa das despesas com habitação, água, luz e gás e com o ensino. Nos últimos cinco anos, período marcado pelo ajustamento da troika, esse movimento de substituição é mais evidente. Os portugueses tiveram de cortar ainda mais a fundo de modo a conseguir manter a casa e os mínimos de conforto.

De acordo com dados definitivos do Inquérito às Despesas das Famílias 2015/2016 divulgado ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), entre 2006 (antes de começar a crise) e 2016, a despesa total anual média (por família) aumentou 16%, para 20 363 euros anuais. No entanto, manter uma casa tornou-se muito mais dispendioso. Este custo disparou 39% na década em análise (9% nos anos da troika e até 2015), estando agora em 6500 euros anuais.

O custo com a casa e os respectivos consumos fixos foi a parcela mais pesada nos orçamentos familiares, mas nos últimos anos a sua importância ampliou-se. A casa, que no início do milénio (2000) pesava apenas 20% na despesa total média, vale agora quase um terço, observa o INE. Neste período, a despesa associada mais do que duplicou.

E acrescenta: "Em conjunto, as três principais componentes da despesa (habitação, alimentação e transportes) concentravam 60,3% da despesa total anual média das famílias residentes em Portugal em 2015/2016, ou seja, mais 3,3 pontos percentuais (p.p.) relativamente ao início da década (57%)".



Numa década, os portugueses cortaram a fundo nos gastos com restaurantes, hotéis, cultura e lazer

Além de habitação e consumos relacionados, o maior agravamento da década acontece na educação, com as famílias a notarem uma subida impressionante da respetiva fatura na ordem dos 56%, segundo cálculos do JN/Dinheiro Vivo com base no INE.

Efeito troika

José Reis, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, considera que houve um "movimento de substituição". "Na última década, mas sobretudo nos últimos cinco anos, marcados pelo duro ajustamento da troika, podemos dizer que a maioria das famílias passou um mau bocado. O desemprego subiu e as expectativas das pessoas caíram a pique. Mesmo quem con-

servou o emprego, passou a ter medo. Isto gera enorme pressão sobre as decisões de consumo".

Assim, explica o professor catedrático, "custos relacionados com habitação ou alimentação são sempre muito mais rígidos do que, por exemplo, a despesa em lazer. Sempre que há constrangimentos, as pessoas tendem a compensar dessa forma". Cortam no lazer ou nas férias, por exemplo.

Foi o que aconteceu. O INE mostra que a quebra nessa despesa (lazer e cultura) foi de 15% na década que termina em 2016; se olharmos apenas para o período marcado pelo programa de ajustamento, esse gasto aprofundou 21%.

Economias significativas também aconteceram nas idas a restaurantes e estadias em hotéis.

Menos 6% na década e menos 16% desde 2011.

O INE informa ainda que as famílias com crianças dependentes gastam, em média, cerca de 25 254€ por ano, mais 44% do que a despesa dos agregados sem crianças (gasto anual de 17 494€). Diz que as famílias de Lisboa e das áreas urbanas são mais gastadoras do que as restantes. "Apenas o valor da despesa anual média da Área Metropolitana de Lisboa (23 148€) ultrapassava a média da despesa nacional (20 363€)". O valor médio mais baixo surge nos Açores, com 16 856€. No Norte é 19 928€, no Centro 18 875€, no Alentejo 17 798€ e na Madeira 18 204€. São valores médios de despesa total inferiores à média global. ●

orçamento + despesas

PESO DE CADA TIPO DE GASTO EM %
Variação na década

■ 2006 ■ 2016

